

AULA MAGNA

**Política: das falácias do poder aos desafios do servir**

Saulo Baptista

Peço licença para adentrar este espaço de educação teológica, sentindo-me autorizado para freqüentar apenas o pátio dos gentios. Sou um aprendiz das ciências sociais, portanto, não me percebo habilitado para entrar no lugar santo, nem tampouco no santo dos santos, onde teólogos e estudantes de teologia, provavelmente, costumam freqüentar.

Em sendo assim, convido-os, hoje, para um passeio profano. Vamos caminhar pelas avenidas, ruas, becos e atalhos da política, mas sugiro que façamos um esforço para tornar essa caminhada uma aventura evangélica. Ou seja, como cristãos que se dedicam a combater o bom combate da fé, teremos que trilhar os caminhos da política na condição de cordeiros e ovelhas que se arriscam no meio de lobos (Lucas10:3).

Ser discípulo de Cristo não se trata de um estado de natureza inato, nem é uma condição de existência alcançada de maneira vulgar. A graça preciosa e sem preço de Jesus Cristo não é mercadoria. Tornar-se cristão numa sociedade de lobos é um aprendizado penoso, que requer disciplina continuada. Devido aos desvios e equívocos que se instalaram no mundo eclesial, talvez seja mais difícil, nos dias de hoje, ser cristão dentro das nossas igrejas e denominações do que no mundo. Parece que há muitos lobos vestidos com pele de cordeiro. Em suma, viver como testemunha do

crucificado, ou seja, viver o martírio, não é coisa para ingênuos, nem para principiantes. Mas, também, não é arte de masoquistas.

Jesus Cristo recomendou que aprendêssemos e praticássemos a sagacidade das serpentes sem perder a ternura das pombas<sup>1</sup>. Um andarilho da revolução latino-americana falava da necessidade de “endurecer, sem perder a ternura, jamais”<sup>2</sup>.

Este preâmbulo se justifica porque não há nada tão distante da ética cristã quanto a política que se pratica dentro das igrejas. Essa prática é, às vezes, pior do que a que se observa no espaço público. Pesquisei, vivi e acompanho ambas, mas confesso que, infelizmente – revelando aqui meu sentimento – esta não tem sido uma experiência edificante no meu aprendizado. Todavia, e isto é o mais importante, há uma possibilidade de crescimento na fé, dentro dessas condições adversas, porque, como nos conforta Paulo, “todas as coisas cooperam, juntamente, para o bem daqueles que amam a Deus” (Romanos 8.28).

O projeto político de Jesus é, essencialmente, o enfrentamento do poder com a autoridade do serviço. Segundo ele: “o maior entre vocês será aquele que serve”; “e, qualquer que quiser ser o primeiro, será servo de todos”. (Mateus 23:11; Marcos 10:45). Ele próprio, o Senhor Jesus, exemplificou isto, tomando uma bacia e uma toalha e lavando os pés dos discípulos (João 13:14-16).

---

<sup>1</sup> "Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos. Portanto, sede prudentes como as serpentes e simplices como as pombas" (Jesus, no Evangelho de Mateus, capítulo 10, versículo 16).

<sup>2</sup> “Hay que endurecer, pero sin perder la ternura, jamás” (Ernesto ‘Che’ Guevara).

De fato, a coletânea de ensinamentos mais densos para a criação de uma nova sociedade, uma antecipação limitada, mas efetiva e eficaz, do reino de Deus, é o chamado sermão do monte (Mateus 5 a 7). Trata-se de uma construção dinâmica com vistas a uma utopia. Esse conjunto de lições está aí para gerar um processo contínuo de aprendizado, que deve ter como sinal inequívoco a criação de uma ordem a ser posta aqui e agora, na sociedade, a bem dizer, em qualquer sociedade. O grande e polêmico líder da unificação dos estados alemães, Otto von Bismarck, deixava claro que o padrão político cristão era o sermão do monte, mas alertava que ninguém suportaria a sua aplicação. Sentenciando que, “talvez a única *Realpolitik* [ou seja, ‘o sistema político mais eficaz e realista’] para levar a paz ao mundo e às consciências” seria a do sermão do monte, Raimon Panikkar citou Bismarck quando este “dizia [...] que com o ‘Sermão da Montanha’ todos os impérios caem”.<sup>3</sup> Acho oportuno destacar o respeito que Bismarck tinha pelo Evangelho, porque esse Chanceler de Ferro, sendo um experimentado político, era um cético acerca da ética desse campo das atividades humanas. Lembro apenas a afirmação jocosa que ele fazia sobre o tema. Segundo ele: “os cidadãos não poderiam dormir tranquilos se soubessem como são feitas as salsichas e as leis”.<sup>4</sup>

Todos nós teremos que viver em quebrantamento e obediência a Jesus Cristo, se quisermos fazer a verdadeira e definitiva revolução, aliás, uma revolução permanente. Creio que seria este o caminho da perfeição cristã em sociedade, na perspectiva almejada por John Wesley.

---

<sup>3</sup> PANIKKAR, Raimon. Morte e ressurreição da Teologia. In: Horizonte, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p.15-29, dez. 2005, p. 18. (Revista acadêmica da PUC de Minas Gerais).

<sup>4</sup> [HTTP://pt.wikiquote.org/wiki/Otto\\_von\\_Bismarck](http://pt.wikiquote.org/wiki/Otto_von_Bismarck). Acesso em 30/07/2009.

A prática cristã perdeu seu rumo e sua força, quando se prostituiu com o poder. Um marco dessa promiscuidade foi a constantinização da Igreja, um fato histórico do século IV da era cristã, mas que se tornou prática corriqueira nas eras seguintes, um exemplo de promiscuidade que se tem repetido pelos séculos na vida de muitas igrejas. Em aula magna de 2002, no Institut Superior de Ciènces Religioses de Vic (Barcelona), Panikkar dizia que a teologia morreu, porque não se conformou com a vocação de serva, que seria própria de sua natureza cristã.

A Teologia quis ser a rainha das ciências, optou pelo poder, em vez de operar como aquela área do saber que teria autoridade, sim, mas a autoridade do amor, que, portanto, jamais deveria entregar-se à tentação demoníaca do poder. Foi nessa a partir dessa queda que, de criadora da universidade, a Teologia perdeu a primazia. Querendo pautar as ciências, em vez de dedicar-se a servi-las, a Teologia se arrogou a ser censora, controladora, pregadora de discursos moralistas, intolerantes e fundamentalistas. Tendo assumido essa postura autoritária, a Teologia perdeu sua autoridade, definhou e caiu no ridículo.

Houve tempo em que Teologia e Filosofia conviviam harmonicamente. Todavia, ao se colocar aos pés da Modernidade, a Filosofia abdicou da Metafísica, parou de servir à Teologia e divorciou-se desta, ou se emancipou... Enfim, importa registrar que de fundadora da universidade, a Teologia foi banida deste espaço. É verdade que existe Teologia em alguns ambientes universitários, no Brasil. Uma agradável presença, aliás, como prenúncio de que pode estar em curso uma nova trajetória de diálogo de saberes para o bem da sociedade e da academia, em particular.

Ao fazer esta referência, não quero desenvolver uma polêmica sobre ciência e fé, mas quero, sim, indicar que a vocação da fé é servir e não ditar regras. Não cabe à fé, muito menos, servir a projetos de poder, projetos estes sempre iníquos, visto que se deve reconhecer, como questão de princípio, o antagonismo que distancia a fé cristã de qualquer tipo de tirania, sutil ou grotesca, produzida pela condição pecaminosa na qual nos movemos e caímos, com frequência.

Nosso convite para caminharmos pelas vielas escuras da política parece ser pertinente e é guiado por algumas questões que envolvem os evangélicos na experiência republicana brasileira. Consideremos estas questões:

1. Por que os evangélicos pregam o bem ao próximo, anunciam que são o “sal da terra e a luz do mundo”, mas alimentam um sentimento antipolítico e uma prática antidemocrática?
2. Quais são as consequências dessa contradição evangélica entre teoria e prática para a sociedade brasileira?
3. Por que a maioria dos políticos evangélicos levanta algumas bandeiras moralistas, mas ignora a grande imoralidade das injustiças econômicas e sociais?

Outras questões que não podem calar, foram suscitadas pela quantidade exagerada de políticos evangélicos que se envolveram em práticas de corrupção, na Câmara Federal, na legislatura passada, quantidade esta que superou a média dos políticos não-evangélicos. Por que isto aconteceu? Ser evangélico torna o cidadão mais vulnerável a praticar o mal? Os evangélicos

escolhem mal seus representantes? As igrejas são responsáveis por esses péssimos testemunhos?

## **A distância entre discurso e prática dos evangélicos na política brasileira**

Os evangélicos não foram sempre omissos ou maus políticos na história da sociedade brasileira. Temos exemplos de metodistas, presbiterianos, anglicanos e batistas que participaram decisivamente da política brasileira, junto com outras forças sociais, em movimentos que contribuíram para proclamar a República, garantir a liberdade de culto, implantar o Estado laico, introduzir novas concepções e modelos de educação, além de outras conquistas que deram nova direção à sociedade brasileira.

Enquanto os evangélicos eram numericamente inexpressivos no conjunto da população brasileira, mantiveram um comportamento de seita, no sentido weberiano<sup>5</sup>. Ressalvados os exemplos citados, a prática evangélica, e principalmente a pentecostal, caracterizava-se pela abstenção política. Evitavam os sindicatos, as associações e centros comunitários e, sobretudo, os partidos políticos. Entretanto, esta postura estava longe de ser uma atitude de neutralidade: tratava-se de uma cruzada inspirada em preconceitos contra a militância política e alimentada por uma lavagem cerebral contra o comunismo, na qual este era apresentado de forma demoníaca, sem qualquer explicação, elementar que fosse, do seu ideário. Essa era a situação predominante. As

---

<sup>5</sup> Seita, nos escritos de Weber, não tem caráter pejorativo. Ele trata igreja e seita como dois tipos de organização. A primeira tem predominância numa nação ou etnia e o adepto já nasce dentro dela. A seita se caracteriza por corresponder a um grupo que se diferencia do grupo religioso predominante na sociedade ou etnia considerada e pelo fato de depender de uma adesão voluntária, normalmente designada de conversão religiosa. Em abordagem sociológica, as organizações evangélicas brasileiras podem ser classificadas como seitas, salvo raras exceções. (WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 2000; \_\_\_\_\_. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979).

igrejas, em geral, não tinham um programa de capacitação dos membros para o exercício da cidadania, baseado no Novo Testamento e nas ciências do comportamento humano.<sup>6</sup> Em geral, as igrejas agiam como se a missão cristã se limitasse a preparar cidadãos para além da morte, sem terem a responsabilidade de se dedicar a uma necessária preparação para compreender e assumir os desafios do testemunho na sociedade.

Quando o crescimento relativo dos evangélicos, principalmente dos pentecostais e neopentecostais, colocou os evangélicos em condição de visibilidade e de serem capazes de influenciar as eleições em todos os níveis do País, houve uma mudança de comportamento, associada, em alguns casos, a estratégias institucionais, para a conquista do poder, sem a elaboração de quaisquer projetos e programas de serviço cristão para a sociedade brasileira. A Assembléia de Deus elegeu logo 13 deputados para o Congresso Constituinte de 1986-8, motivando seus membros através do medo de que a nova Carta cerceasse a liberdade de culto, promovesse a destruição da família, trouxesse a liberação de costumes, etc. Na verdade, havia outros interesses das lideranças eleitas, que não foram revelados aos eleitores. Logo que puderam, esses políticos pentecostais passaram a negociar canais de rádio em troca de votos nos assuntos que interessavam ao governo. Poderiam ser citados outros exemplos, como a obtenção de cargos públicos para familiares, verbas para projetos específicos da igreja e demandas similares. Desde cedo,

---

<sup>6</sup> Certamente, todos reconhecem que o saber científico procede da inteligência humana, como esforço para entender a realidade e agir dentro dela, em busca de objetivos de felicidade ou outros que não cabe especular neste texto. Ao teólogo cumpre buscar entender as relações necessárias que se estabelecem entre ciência e teologia. Como cristãos, cabe a pergunta: quem concede essa capacidade investigativa ao ser humano?

os membros da chamada “bancada evangélica” foram conhecidos pela gula patrimonialista e o vício clientelista.

Essas práticas continuaram nas legislaturas seguintes, porque não havia programas de preparação dos membros para o exercício da política. Infelizmente, é pouco provável que esse quadro mude, visto que uma educação para a cidadania traria desdobramentos ameaçadores para as lideranças atuais, pois enfraqueceriam os sistemas autoritários instalados, há muito tempo, nessas denominações religiosas.

Pois bem, irmãs e irmãos, o autoritarismo é uma prática da cultura política brasileira, denunciada e condenada por Jesus Cristo. Mas, quem conhece os esquemas de governo das igrejas sabe bem como são elaboradas as decisões. O quanto que há de jogos de bastidores, de acordos de grupos, de métodos antiéticos de persuasão, de mentiras e calúnias, para garantir esses ambientes de manutenção do poder, por parte de alguns.

Outro exemplo da nossa cultura política, que foi condenado por Jesus, e que é insistentemente praticado em diferentes denominações evangélicas é o nepotismo. Ou seja, a conquista e preservação dos melhores cargos para os parentes. Vamos ler o episódio que está no Evangelho de Mateus, capítulo 20:

17 Estando Jesus para subir a Jerusalém, chamou à parte os doze e, em caminho, lhes disse:

18 Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte.

19 E o entregarão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado; mas, ao terceiro dia, ressurgirá.

20 Então, se chegou a ele a mulher de Zebedeu, com seus filhos, e, adorando-o, pediu-lhe um favor.



21 Perguntou-lhe ele: Que queres? Ela respondeu: Manda que, no teu reino, estes meus dois filhos se assentem, um à tua direita, e o outro à tua esquerda.

22 Mas Jesus respondeu: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu estou para beber? Responderam-lhe: Podemos.

23 Então, lhes disse: Bebereis o meu cálice; mas o assentar-se à minha direita e à minha esquerda não me compete concedê-lo; é, porém, para aqueles a quem está preparado por meu Pai.

24 Ora, ouvindo isto os dez, indignaram-se contra os dois irmãos.

25 Então, Jesus, chamando-os, disse: Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles.

26 Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva;

27 e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo;

28 tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.

Pois bem, irmãs e irmãos, pesquisei a política interna das igrejas Assembléia de Deus, Universal do Reino de Deus e Evangelho Quadrangular. Sobre a cultura de poder das duas primeiras, transcrevo aqui um pequeno trecho do meu livro<sup>7</sup>:

Com base nas observações realizadas, tem-se constatado que pastores e bispos são mais caudilhos do que clérigos. Embora muitos, por vocação, exerçam bem a função pastoral, de cuidar e consolar suas ovelhas, o modelo de organização requer que eles se imponham de forma autoritária, o que faz com que a relação entre líder e liderados se caracterize como tutela e dependência, respectivamente. A organização pentecostal assimilou, de fato, o padrão mandonista do chefe político brasileiro. Na Assembléia de Deus a força de presidentes de “ministérios”, convenções e distritos, impediu o fortalecimento de um centro de poder, mas possibilitou a formação de uma rede gigante de “feudos” com seus suseranos, senhores, vassallos e súditos. Ou seja, o maior grupo pentecostal do Brasil, a Assembléia de Deus, com suas duas convenções nacionais – CGADB e Conamad – mas,

---

<sup>7</sup> BAPTISTA, Saulo. **Pentecostais e neopentecostais na política brasileira**: um estudo sobre cultura política, Estado e atores coletivos religiosos no Brasil. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Instituto Metodista Izabela Hendrix, 2009, p. 383.

principalmente a primeira, parece constituir uma grande federação de caudilhos, cujo poder é transferido para filhos, parentes próximos e pastores de confiança, estes, em alguns casos, sem vínculos de parentesco, quando não há vocacionados dentro do clã para manter a sucessão familiar.

Na Igreja Universal, todo o poder emana do bispo Edir Macedo, que constitui a equipe de bispos auxiliares, a seu bel prazer, para governarem o complexo religioso-empresarial-midiático espalhado em dezenas de países. Os freqüentadores da lurd não parecem cogitar de discutir o governo da igreja, visto que não foram registrados sinais de iniciativas com esta finalidade de abrir o governo na dimensão horizontal da base da lurd. Para que alguém entre no circuito fechado da gestão da Igreja, terá que entrar no esquema de recrutamento de obreiros auxiliares, ganhar aos poucos a confiança dos superiores e ascender, fazendo carreira interna como profissional do empreendimento de Edir Macedo, pois fora desta trajetória o freqüentador, mesmo o mais dedicado e assíduo, será apenas um a mais na grande massa de consumidores dos bens simbólicos que a Igreja produz.

Uma organização autoritária que exclui os fiéis de participarem de todas as decisões, embora sejam eles que a sustentam, se não tiver uma estrutura burocrática adequada, com instâncias equilibradas de segregação de funções e instrumentos de controle e fiscalização, torna-se campo propício para o abuso de poder e práticas de corrupção e escândalos. O indivíduo inteligente e capaz, ao participar de uma organização fechada, cujos códigos de comando e conduta são compartilhados por poucos, tende a fazer acordos para benefício de si mesmo e da cúpula à qual pertence. Este tipo de ambiente desenvolve caracteres antidemocráticos e uma cultura contrária ao bem-estar coletivo.

Acho que essas constatações exemplificam à sociedade a distância entre o discurso e a prática das lideranças e indicam em que grau de conformação vivem os membros. Há uma negação permanente do projeto

político que Jesus Cristo nos entregou, para implantarmos primeiramente entre nós, e que serviria como sinal do seu Reino, a ser proposto para a sociedade.

## **Conclusão**

Quero concluir com alguns desafios para todos nós, que atuamos nos campos da Teologia e das Ciências da Religião. Fiz estes mesmos desafios aos alunos de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará, em 18/12/2008. Lá, eu estava diante de um público de várias religiões, cristãs e não-cristãs. Creio que essas propostas têm um peso maior de responsabilidade para quem, além de cidadão de um Estado qualquer, é cidadão do Reino de Deus. Eis os desafios:

1. Está proposto o desafio de descobrirmos e enfrentarmos as articulações políticas e os comportamentos das lideranças religiosas, pois elas quase sempre se lançam à conquista do poder político para reforçarem suas posições relativas dentro e fora das instituições, quando, ao contrário, deveriam zelar pela propagação da fé, formação ética de bons cidadãos e construção de uma nova sociedade.
2. Incumbe a nós, cientistas da religião e teólogos, pesquisar e oferecer à sociedade brasileira um testemunho que ajude os fiéis a entenderem a riqueza de sentido e de produção simbólica que a fé cristã tem a oferecer, e o que há de manifestação da presença divina em outras tradições religiosas;
3. Cabe a nós, também, conscientizar a base das igrejas da força que discursos e símbolos religiosos carregam e como podem ser usados

para o mal, se forem empregados para manipular fiéis como massas de manobra, ou como currais eleitorais;

4. Também é nossa responsabilidade alertar que essas táticas apelam para o medo perante o desconhecido e sacralizam injustiças, apresentando-as como coisa natural ou meras conseqüências de pecados, tudo para manter velhas e novas estruturas de exploração e dominação. O medo paralisa, mas a verdade liberta. Temos que ser geradores de conhecimento e práticas qualificadas para emancipar as igrejas e a sociedade brasileira.
5. Compete a nós, teólogos e cientistas da religião, chamar as lideranças religiosas para um diálogo franco, identificando quais dentre elas são pessoas de boa-vontade, dispostas a construir organizações religiosas, nas quais a fé se torne uma pedagogia madura e engajada na justiça e na verdade, um exercício de compreensão dos problemas para elevar o grau de consciência crítica da própria sociedade.

Para isto acontecer, essas organizações deverão tornar-se laboratórios de autogoverno, comunidades de iguais, onde os líderes estarão ali para servir, ou seja, serão servos e servas, irmãos e irmãs, companheiros e companheiras, sem a existência de detentores privilegiados do saber e do poder.

Tudo isto é utopia? Sim, com certeza, mas já foi experimentada em pequenas comunidades e em minorias dissidentes das grandes corporações religiosas, que, por isto mesmo têm sido perseguidas, na medida em que ameaçam os modelos de dominação que persistem em nossa sociedade. Vale à pena continuar essa luta.

